

UM OLHAR PARA OS SENTIMENTOS DOS LEITORES ACADÊMICOS (DO POEMA) À LUZ DA PERFORMANCE

Renaly Ferreira Rocha¹
Daniely Oliveira da Silva²
Micaelly Raynara Sinezio Souza³
Marcelo Vieira da Nóbrega⁴

RESUMO

A presente pesquisa investiga os sentimentos de alunos do curso de Letras-Português, do Campus I, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), frente à leitura oral-performatizada do poema na sala de aula, durante formação docente. Este estudo, de caráter bibliográfico, documental e quali-quantitativo, busca analisar os aspectos que regem a performance poética na educação superior, considerando as suas impressões, a partir das suas experiências com os componentes Oralidade, Leitura e Produção de Textos, Teoria da Poesia e Teoria da Narrativa. Sustentamo-nos nas concepções de oralidade, vocalidade e performance de Zumthor (1997; 2010; 2014); no Projeto Político-Pedagógico do Curso de Letras da Universidade Estadual (2016); e ainda na BNCC (Base Nacional Comum Curricular) (2018), parametrizadora da oralidade enquanto prática de linguagem no Ensino Básico no Brasil. Os resultados obtidos, fruto de aplicação de um questionário com os discentes de cinco turmas do referido curso, apontaram para as principais dificuldades: a) a quase completa escassez da leitura oral-performática; b) falta de incentivo docente; c) carência de metodologias direcionadas para tal atividade, cujos efeitos resvalam inevitavelmente no despreparo dos futuros docentes no exercício de suas práticas leitoras performáticas.

Palavras-chave: Oralidade, Leitura Oral-Performática, Poema, Sala de aula. Formação Acadêmica.

INTRODUÇÃO

A Base Nacional Comum Curricular (2018) preconiza que a leitura do texto literário, dentre outras possibilidades de letramento, deve ocupar a centralidade dos estudos nas séries finais do Ensino Fundamental II e Médio na disciplina de Língua Portuguesa, na busca por formar um leitor esteticamente autônomo, crítico e, com efeito, letrado. Além disso, é importante que as práticas pedagógicas de ensino em sala de aula se aproximem das práticas sociais dos alunos, considerando a diversidade cultural que estão inseridos e se inter-relacionem ao máximo as práticas de linguagens vistas nas atividades escolares (leitura, produção de textos, oralidade e análise linguística).

¹Graduada pelo Curso de Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, renaly.rocha14@gmail.com ;

²Graduada pelo Curso de Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, daniely231199@gmail.com ;

³Graduada pelo Curso de Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba-UEP, micaellyraynaraar@gmail.com ;

⁴ Doutor pelo Curso de Linguística da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, marcelaodocantofino@gmail.com;

Dada a presença da oralidade no documento, reconhecemos a importância e potencialidade transformadoras da voz nas aulas do Ensino Básico. Desta forma, consideramos que a leitura oral-performática se faça presente nos currículos escolares como aponta a BNCC (2018). Zumthor (2014), ao escrever sobre a performance defende que esta “implica competência” (ZUMTHOR, 2014. p. 31) e ainda “de qualquer jeito, modifica o conhecimento” (ZUMTHOR, 2014. p. 34).

Dessa forma, como defendermos tal modalidade de leitura na sala de aula do ensino básico se não nos formarmos minimamente para tal na academia?

Nesse sentido, de acordo com Medeiros (2007), a prática da oralidade nas aulas de Literatura, através de diferentes formas e/ou gêneros poéticos, pode ser útil para aproximar o aluno-leitor de sua realidade cultural, permitindo um maior interesse pela leitura da ficção, da fantasia, enfim, no mergulho estético da linguagem artística.

Todavia, a subalternidade da voz, enquanto expressão estético-poética, nos cursos de formação de professor reflete-se como um rescaldo histórico-cultural de um milenar processo de preconceito ao qual essa manifestação humana vem sendo relegada, invariavelmente, à condição de borda. Dentre as muitas razões, cujos maiores aprofundamentos fogem do escopo deste trabalho, destacamos: a) o preconceito de uma parte do chamado cânone acadêmico tradicional que, sob a égide de um grafocentrismo inexplicável, elegeu a escrita como o centro do saber, tecnologia estruturadora do pensamento, segundo Ong; b) a compreensão histórica do caráter fugaz, efêmero, “emotivo” e altamente volátil da voz, ao ser substituído pelo registro frio, mítico, mágico e recuperável da tecnologia da escrita permitiu a esta um status de senhoria, poder máximo, trazendo-lhe a casta de superior. Logo, para a voz, restou-lhe a pecha de inferior. Para a escrita, associou-se-lhe como símbolo de poder. Assim, ser letrado é reproduzir os efeitos benéficos (às vezes, maléficos) do poder segmentado, fruto da tecnologia da escrita. Sofre a voz por reproduzir uma memória fugaz, fragmentada, desconexa, com sistemáticas perdas e ressignificações; ganha a escrita, pela capacidade de reproduzir *ipsi literis*. Entre ganhos e perdas, se para o bem ou para o mal, convivem aos tropeços escrita e voz pela história do homem.

De toda forma, é fato que a voz nos cursos de formação de professores de Letras, ocupa um espaço subalterno. A tradicional “cultura do uso das apostilas” historicamente prenuncia de que forma a escrita - e tudo o que lhes diz respeito - sufoca a voz, não permitindo a esta seu legítimo espaço.

Nessa perspectiva é indispensável repensar e refletir sobre como está a formação dos professores de língua materna. Nesse contexto, essa pesquisa é relevante na medida em que porque pode despertar um olhar crítico e criterioso quanto às exigências profissionais que se esperam dos futuros docentes.

Desse modo, o curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) originou-se em 1955 e desde de então passou por várias reformas para se adequar às exigências curriculares para os cursos de habilitação em licenciatura emanadas pelo Ministério da Educação (MEC). Nessa perspectiva, desde de 2015, a grade curricular passa por mudanças, dentre elas destacamos: a) a inclusão de disciplinas como Libras e Direitos Humanos, Diversidade e Inclusão; b) Aumento de carga horária, para 3200h distribuídas entre estágios, atividades teóricas e prática; c) reformulação do Projeto Pedagógico do Curso, doravante (PPC), em 2016.

Dentre os vários objetivos previstos no curso de Licenciatura em Letras-Português destacamos:

“Compreender os fatos da linguagem nos planos escrito, oral e multimodal, numa perspectiva ampla que contemple as mais recentes pesquisas no campo das linguagens, sem esquecer os modelos clássicos que lhes deram origem; desenvolver a competência intelectual, isto é, o domínio de um repertório linguístico e metalinguístico capaz de torná-lo apto a desenvolver as funções de professor, pesquisador, dentre outros; a reflexão, a partir de uma base teórica adequada, sobre a literatura e outras representações artísticas, a exemplo do teatro, cinema e de outras mídias, bem como construir metodologias de ensino adequadas para abordar essas linguagens na Educação Básica.” (PPC, 2016.p. 35).

Para esta pesquisa, objetivamos investigar as impressões e/ou sentimentos que o corpo discente do curso de Letras-Português, do Campus I da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) detém acerca da leitura acadêmica oral-performatizada em sala de aula. De modo específico, buscamos a) investigar a experiência oral-performática dos discentes na formação acadêmica, a partir dos componentes curriculares de *Oralidade, Teoria da Poesia e Teoria da Narrativa*; b) analisar as impressões dos participantes envolvidos, com ênfase no preparo para desenvolver e ministrar aulas, futuramente, que exijam habilidades no que se refere à leitura oral-performática; c) identificar os principais empecilhos, que na opinião dos discentes envolvidos na pesquisa, impactam a leitura oral-performatizada.

Para sustentar as análises despertadas nesta pesquisa, nos subsidiamos dos seguintes documentos: a) Regimento Geral do curso de Licenciatura em Letras-Português; b) Projeto Pedagógico do Curso (PPC), este reformulado em 2016 para atender às novas demandas sociais e sintonizar os estudos linguísticos e literários com a formação do futuro professor/pesquisador de Língua Materna; c) Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (2017), em cuja essência prevê um ensino de Língua Portuguesa capaz de formar um leitor crítico e autônomo. Nesse contexto, atribui atividades ligadas a voz, a performance e suas experiências de reconhecer e experimentar as atividades do campo da oralidade junto à leitura. Essa proposta está descrita nas competências e habilidades tanto no ensino fundamental como também no ensino médio, no campo artístico-literário. Na competência três do ensino fundamental a qual se relaciona com a prática de oralidade “Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.” (BRASIL, 2018.p.65) e também no ensino médio na competência um, em que descreve:

“Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo.” (BRASIL, 2018.p.490).

Ainda assim, para discussão da importância da performance da voz para a formação do docente e sua eficaz atividade profissional, sustenta-se nas teorias de Zumthor (1997) e (2014) em que de modo geral o autor afirma que “A performance é ato de presença no mundo e em si mesma. Nela o mundo está presente. Assim, não se pode falar de performance e de maneira perfeitamente unívoca e há lugar aí para definir em diferentes graus, ou modalidades” (ZUMTHOR, 1997. p. 67) além disso em suas modalidades performáticas o autor explica os aspectos da performance poética, a qual relaciona o corpo, a voz e o gesto na realização da leitura performática, incorporando também as experiências do locutor durante a declamação.

METODOLOGIA

Este estudo, de caráter bibliográfico, documental e quali quantitativo, busca analisar os aspectos que regem a performance poética na educação superior, considerando as suas impressões, a partir das suas experiências com os componentes Oralidade, Leitura e Produção de Textos, Teoria da Poesia e

Teoria da Narrativa. Para tal, a coleta de dados das impressões dos discentes ocorreu entre maio e junho de 2022, nas turmas do 3º ao 10º período do curso de Letras/Português, do Campus I, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Assim, 40 (quarenta) alunos responderam ao questionário, através da plataforma Google Forms, conforme a seguinte discriminação, por período letivo: 15 (quinze) do 3º; 3 (três) do 4º; 4 (quatro) do 5º; 11 (onze) do 7º; e 7 (sete) do 10º.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O questionário é composto por um total de 6 (seis) questões informativas sobre o turno e período em curso pelos alunos. Além dessas, quatro perguntas referem-se aos sentimentos dos colaboradores frente à prática da leitura oral-performatizada. A escolha de tais componentes se deve, em tese, pelo fato de estarem associados direta ou indiretamente à leitura do texto poético. Desse modo, precisamente, nos componentes *Oralidade, Teoria da Poesia e Teoria da Narrativa*, pertencentes à grade curricular do curso de Letras-Português. Segue as questões presente para o estudo:

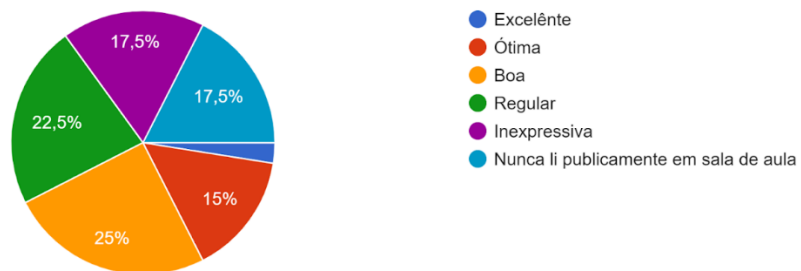
“Sua experiência leitora oral-perfomática do poema em sala de aula durante sua formação acadêmica tem sido?”; “Marque a(s) razão(ões) que você julga ser(em) a(s) responsável(eis) pela ausência (ou deficiência) de sua experiência de leitura oral-perfomática do poema na sala de aula, durante a sua formação acadêmica, (se a sua resposta na primeira questão assim apontou). (aqui pode marcar mais de uma resposta)”; *“Em termos de preparo profissional, do ponto de vista teórico-metodológico, para trabalhar a leitura oral-perfomática do poema futuramente na sala de aula do E.F. II e E.M, você se sente ? (aqui pode marcar mais de uma alternativa)”*

No gráfico a seguir elencamos as respostas dos colaboradores frente à primeira das questões propostas apresentadas, questionamos aos estudantes: “Sua experiência leitura oral-perfomática do poema em sala de aula durante sua formação acadêmica tem sido.”

Figura 01

1) SUA EXPERIÊNCIA LEITORA ORAL-PERFORMÁTICA DO POEMA EM SALA DE AULA DURANTE SUA FORMAÇÃO ACADÊMICA TEM SIDO?

40 respostas



Fonte: Arquivo pessoal.

Os dados de alunos que - ou tiveram experiência leitora regular, inexpressiva ou que jamais leram publicamente na sala de aula, perfazendo um total de 57,5% - apontam para a primeira das constatações: a quase que completa ausência de incentivo dos docentes orientadores destes componentes para a compreensão da importância desta natureza de leitura.

Neste sentido, ao direcionarmos o olhar para o eixo da Oralidade, considerando as propostas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para esta área de Linguagens, constata-se que, dentre as práticas pedagógicas presentes no documento parametrizador da educação básica no Brasil, a leitura oral-performatizada encontra-se como elemento crucial no desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem. Tal documento prevê que:

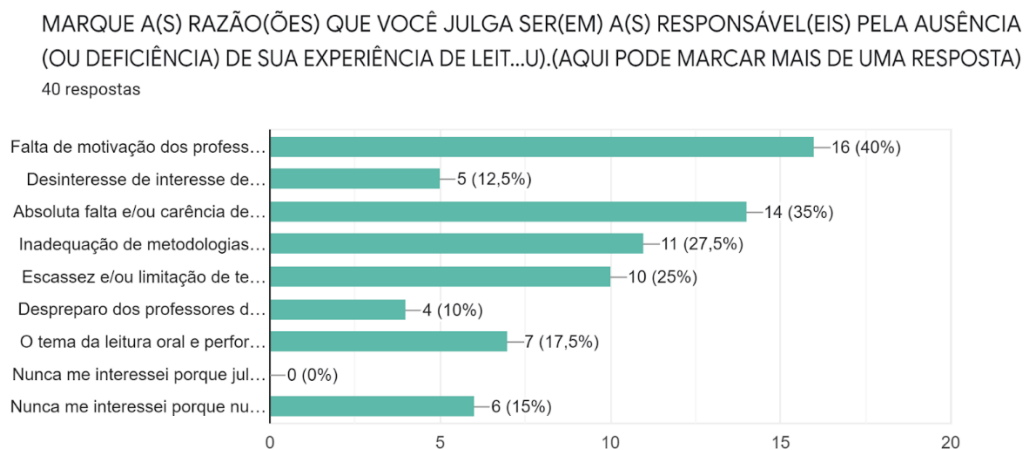
“o **Eixo da Oralidade** compreende as práticas de linguagem que ocorrem em situação oral com ou sem contato face a face, como aula dialogada, webconferência, mensagem gravada, spot de campanha, jingle, seminário, debate, programa de rádio, entrevista, **declamação de poemas (com ou sem efeitos sonoros)**, peça teatral, apresentação de cantigas e canções, playlist comentada de músicas, vlog de game, contação de histórias, diferentes tipos de podcasts e vídeos, dentre outras. Envolve também a oralização de textos em situações socialmente significativas e interações e discussões envolvendo temáticas e outras dimensões linguísticas do trabalho nos diferentes campos de atuação.”(BRASIL, 2018, p. 79. grifo nosso).

Contudo, constatar as adversidades perante as experiências orais-performativas na sala de aula, durante o período de formação docente, evidencia que estas questões irão afetar diretamente as práticas pedagógicas do ensino de oralidade. Uma vez que a formação docente detém uma carência nesta área, pode-se considerar que as dificuldades irão perpassar o percurso da formação acadêmica atingindo a atuação profissional. Assim, ministrar aulas de oralidade

pautadas em performances poéticas tornam-se mais difíceis de obter êxito quando não há um bom desenvolvimento ou uma boa base dessa prática na formação do professor.

O gráfico a seguir discrimina as respostas dos colaboradores acerca das razões motivadoras das deficiências de suas leituras.

Figura 02



Fonte: Arquivo pessoal.

Os dados apontam que 40% dos estudantes responderam que o maior empecilho para adquirir experiências a partir da leitura oral-performática está intrinsecamente vinculada à falta de motivação dos professores dos componentes cujas ementas poderiam suscitar tal oportunidade, como as já citadas acima, as quais são disciplinas obrigatórias do curso de Letras-Português. Diante disso, compreende-se que as aulas dos componentes que dão direcionamento para atividades que priorizam a leitura oral-performática não acontecem de modo eficaz, o qual abrange/obedece/segue as diretrizes do PPC.

O fato de esta modalidade de leitura pouco ou raramente ocorrer nos únicos e escassos componentes que a grade curricular do curso oferece justifica os resultados que apontaram que 35% dos colaboradores(as) atribuem à sua fragilidade tal escassez.

Não tão diferente da cultura acadêmica típica das licenciaturas, quase sempre as metodologias são pautadas, quando o assunto é oralidade em suas mais diferentes nuances, nos conceitos teóricos, características que a distinguem da escrita e esparsas técnicas de reprodução, refacção, tradução para a versão em voz do texto de base escrita.

Nesta perspectiva, basta observarmos o ementário do componente Oralidade:

Tradição e desenvolvimento da linguagem oral. O uso da fala em diferentes esferas da atividade humana. Integração da fala na aprendizagem da escrita. Gêneros orais, multimodalidade e **aspectos performáticos**. Estudo da produção oral de gêneros textuais prescritos nos documentos oficiais para os currículos da Educação Básica. Abordagem sócio-histórica de práticas orais para o ensino de língua materna. (PPC, 2016, p. 116. grifo nosso).

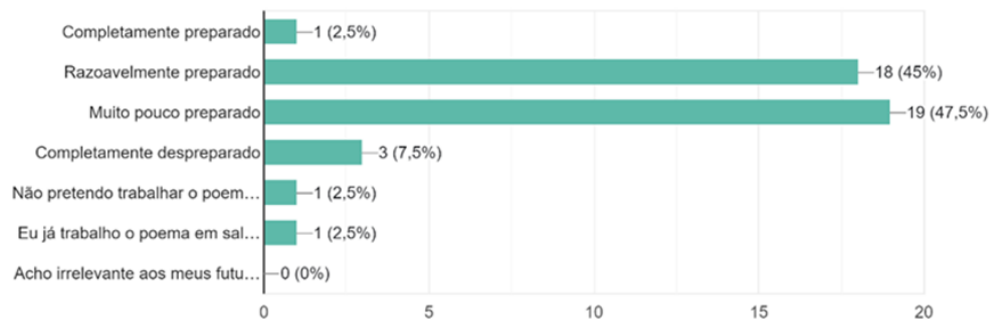
Nesse sentido, fica claro o viés teórico, com o completo desprestígio de quaisquer propostas que possam vincular à performance, por exemplo. Assim, negligenciam-se as experiências orais-performatizadoras enquanto uma das muitas possibilidades direcionadoras da exploração do texto poético na sala de aula da Educação Básica.

É notório, também, que as atividades direcionadas às performances poéticas, a partir do componente de *Leitura e Produção de Textos* encontram-se direcionadas às questões teóricas, tal como previstas no seu ementário: “Concepções e modelos teóricos da leitura e compreensão de gêneros textuais em diferentes suportes. A leitura na Educação Básica. (PPC, 2016, p. 97)”.

A mesma situação ocorre nos componentes *Teoria da Poesia e Teoria da Narrativa*, cujas ementas se pautam na estética e estilística do texto literário, conforme, respectivamente, se pautam a seguir: “Conceitos de literatura. A linguagem literária. Concepções de poesia e poema. Leitura, análise e interpretação do poema. Estudo do texto poético: formas e contextos.(PPC, 2016, p. 139)” e “Concepções de narrativa e narratividade”. O gênero épico/narrativo. Estudo de textos narrativos: formas e contextos. Leitura, análise e interpretação de textos narrativos em seus mais diversos suportes. (PPC, 2016, p. 137)”. Embora em ambas as ementas, mencione-se a leitura, não fica claro de que natureza e qual perspectiva de leitura se refiram. Por outro lado, pelas respostas dos colaboradores não vislumbramos quaisquer práticas que se refiram à leitura oral-performatizada.

Quando questionados, na pergunta 03 - cujas respostas estão sintetizadas a seguir, (fig.04) - sobre o preparo profissional para lidar, na sala de aula futuramente, com as questões ligadas às leituras orais-performatizadas do poema em sala de aula, os(as) alunos(as) declaram sentirem-se despreparados.

EM TERMOS DE PREPARO PROFISSIONAL, DO PONTO DE VISTA TEÓRICO-METODOLÓGICO, PARA TRABALHAR A LEITURA ORAL-PERFORMÁTICA...QUI PODE MARCAR MAIS DE UMA ALTERNATIVA)
40 respostas



Fonte: Arquivo pessoal.

Essa questão tem como alternativas disponíveis: “Completamente preparado” “Razoavelmente preparado” “Muito pouco preparado” “Completamente despreparado” “Não pretendo trabalhar o poema, desta forma, em sala de aula” “Não pretendo trabalhar o poema, desta forma, em sala de aula” “Eu já trabalho o poema em sala de aula, desta forma, com relativo sucesso” “Acho irrelevante aos meus futuros alunos a prática desta natureza de leitura porque em nada ela contribui para o sucesso do aluno, por exemplo, no ENEM.”

Diante do exposto como resultado, as respostas que sobressaíram nessa questão estão diretamente ligadas às outras respostas de questões anteriores, as quais deixam claro o pouco ou nenhum contato com essa prática leitora. Diante de tais respostas escolhidas pelos estudantes nesta questão de cunho reflexivo, Zeincher (1993) ao refletir sobre a formação do professor, explica que é importante ser um profissional reflexivo, pois isto significa reconhecer seu ensino e como está sua prática. Nesse sentido, aos alunos identificarem, em sua maioria, o pouco preparo para fazer uso da leitura oral-perfomática como futuros profissionais é interessante para que eles compreendam e reflitam sobre sua formação e futura atuação. Já que são alunos aprovados nas disciplinas que correspondem às ementas destinadas a trabalhar a leitura e suas práticas.

Ainda assim, é preocupante a falta de preparo, assim como o exercício com essa prática de leitura, pois são alunos que estão no período de formação e precisam colecionar experiências para além das teorias. Essas lacunas podem ser prejudiciais ao desenvolvimento das suas atividades profissionais, tendo em vista que na Base Nacional Comum Curricular (2018), modelo parametrizado para a educação básica no Brasil, propõe-se em algumas habilidades a

prática da leitura oral em sala de aula. Senão vejamos algumas habilidades a serem propostas para o Ensino Fundamental dos anos finais:

“(EF69LP19) Analisar, em gêneros orais que envolvam argumentação, os efeitos de sentido de elementos típicos da modalidade falada, como a pausa, a entonação, o ritmo, a gestualidade e expressão facial, as hesitações etc.” (BRASIL, 2018.p.145)

“(EF69LP40) Analisar, em gravações de seminários, conferências rápidas, trechos de palestras, dentre outros, a construção composicional dos gêneros de apresentação – abertura/saudação, introdução ao tema, apresentação do plano de exposição, desenvolvimento dos conteúdos, por meio do encadeamento de temas e subtemas (coesão temática), síntese final e/ou conclusão, encerramento –, os elementos paralinguísticos (tais como: tom e volume da voz, pausas e hesitações – que, em geral, devem ser minimizadas –, modulação de voz e entonação, ritmo, respiração etc.) e cinésicos (tais como: postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, contato de olho com plateia, modulação de voz e entonação, sincronia da fala com ferramenta de apoio etc.), para melhor performar apresentações orais no campo da divulgação do conhecimento.” (BRASIL, 2018.p.155)

“(EF69LP53) Ler em voz alta textos literários diversos – como contos de amor, de humor, de suspense, de terror; crônicas líricas, humorísticas, críticas; bem como leituras orais capituladas (compartilhadas ou não com o professor) de livros de maior extensão, como romances, narrativas de enigma, narrativas de aventura, literatura infantojuvenil, – contar/recontar histórias tanto da tradição oral (causos, contos de esperteza, contos de animais, contos de amor, contos de encantamento, piadas, dentre outros) quanto da tradição literária escrita, expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais, como negritos, itálicos, caixa-alta, ilustrações etc., gravando essa leitura ou esse conto/reconto, seja para análise posterior, seja para produção de audiobooks de textos literários diversos ou de podcasts de leituras dramáticas com ou sem efeitos especiais e ler e/ou declamar poemas diversos, tanto de forma livre quanto de forma fixa (como quadras, sonetos, líras, haicais etc.), empregando os recursos linguísticos, paralinguísticos e cinésicos necessários aos efeitos de sentido pretendidos, como o ritmo e a entonação, o emprego de pausas e prolongamentos, o tom e o timbre vocal, bem como eventuais recursos de gestualidade e pantomima que convenham ao gênero poético e à situação de compartilhamento em questão.” (BRASIL, 2018.p.161)

Nestas habilidades, que devem ser desenvolvidas pelos alunos entre o 6º e o 9º ano do Ensino Fundamental, percebe-se claramente, para além das bases teóricas, estético-literárias e estruturais, fundadoras do texto poético, por exemplo, também a importância dos elementos cinésicos (postura corporal, movimentos, gestualidade, expressão facial, contato do olhar com a plateia, etc) comandados pela força do corpo e de sua extensão mais significativa em sala de aula: a voz. Está com seus múltiplos recursos: modulação, ritmo, tom, pausas, pontuação, hesitações, respiração, entonação, dentre outros significativos recursos, etc, todos a serviço da eficaz performance, isto é, direcionados ao outro, o aluno. Zumthor (1997), explica as fases de existência do poema em que são: produção, transmissão, recepção, conservação e repetição. A performance quando acontece utiliza-se de duas fases, transmissão e recepção, isso por que a

performance na modalidade oral, permite em sua função comunicativa ser exteriorizada e também coletiva.

Neste sentido, acerca da importância da voz e performance, Zumthor (1997) defende que a performance da voz ultrapassa os limites da escrita e da melodia, pois consegue um envolvimento por aquele que oraliza e o seu ouvinte, assim como alcançar um sentimentalismo. Dessa forma, utilizar dessa leitura oral-performática é permitir ao leitor ir além da decodificação e identificação do gênero, aprofundar-se de corpo e alma na leitura, externalizando sentimentos e interpretando, pelo corpo e voz, seu mundo e suas relações. Assim, é indispensável que o professor como mediador em sala de aula sinta-se preparado para atuar junto aos alunos nas diversas habilidades emanadas pelas exigências curriculares. Para tal, faz-se necessária a profunda interação entre a atuação do professor com as parametrizações advindas da BNCC (2018), fundamentais para que se alinhem os objetivos curriculares com as necessidades de aprendizado dos alunos. Sobre isto Galian (et. al) defendem que:

“o “alinhamento” à BNCC, em coerência com o modelo de professor assumido, deverá tratar de enfatizar a importância dessas estratégias inovadoras e estimulantes, muito mais do que fomentar o que historicamente se reconhece no campo da educação como crucial para formar um professor: o equilíbrio entre os aspectos teóricos e práticos do trabalho docente. Para esse modelo de professor, certamente o âmbito prático da formação inicial e continuada se mostra muito mais relevante do que as reflexões teóricas embasadas nas ciências da educação.” (GALIAN (et. al), 2021.p. 8).

A multiplicidade de linguagens e multissensíveis surgentes, carregadas pela força das novas mídias comandadas pela grande rede, quando aliada às várias formas nas quais a voz se ressignifica e se rearranja em sala de aula, dão tom das inúmeras possibilidades metodológicas para se trabalhar o texto na sala de aula do ensino básico. A performance oral do poema é uma delas. Para tal, exige-se preparação profissional. Sem está, a prática da leitura oral-performática do poema em sala de aula ficará restrita a propostas utópicas. Este trabalho pretende contribuir, enquanto proposta de aplicabilidade prática, para que este projeto efetivamente se realize.

CONCLUSÃO

O presente estudo surgiu da necessidade de investigar a experiência oral- performática do poema em sala de aula, na formação docente do curso de Letras - Português, a partir dos componentes curriculares de *Oralidade, Leitura, Teoria da Poesia e Teoria da Narrativa*. Para tal, nos subsidiamos nas habilidades preconizadas na prática de linguagem intitulada de oralidade, prevista na Base Nacional Comum Curricular (2018), bem como nos sentimentos e

impressões dos alunos(as) do curso de licenciatura em Letras-Português da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), campus I, captados através de questionário, no qual se posicionaram acerca da prática da leitura oral-performática durante as suas formações acadêmicas. A maioria assume não se sentir preparada, dentre outras, pelas seguintes razões: pouca preparação, falta de motivação e incentivo por parte dos docentes ministrantes dos componentes, na academia, que poderiam estar diretamente envolvidos na leitura oral-performática. Com isso, fica claro que, mesmo com a implantação de modificações no currículo no Projeto Pedagógico do Curso e com a apresentação nas ementas dos componentes aqui explorados, ainda nota-se uma falta de contato e experiência por parte dos alunos da instituição o que contribui diretamente para a falta de segurança desses universitários para a prática como professor/mediador o qual ao seguir as exigências curriculares precisa ser responsável pela condução formadora de alunos competentes a desenvolver uma leitura performática. Dessa forma, compreendemos que há outras questões passíveis de serem abordadas em pesquisas futuras, em função da complexidade presente nas temáticas relacionadas à abordagem oral do texto poético em sala de aula. Ainda assim, o estudo é de grande relevância, na medida que busca contribuir para a melhoria da futura prática profissional dos alunos em formação.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Ministério da Educação. Brasília (DF): 2018.

KLEIMAN, A. B. Os estudos de letramento e a formação do professor de língua materna. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, v.8, n.3, p. 487- 517, set/dez. 2008.

ZEICHNER, K. M. *A formação reflexiva de professores: ideias e práticas*. Lisboa: Educa, 1993.

ZUMTHOR, P. *Introdução à poesia oral*. Trad. de Jerusa Pires Ferreira, São Paulo: Hucitec, 1997. p.81-203

_____. *Performance, Recepção, Leitura*. Trad. de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. 1. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2014.